

## LÍNGUA E LINGUAGEM: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES NO ENSINO

*Marcos Luiz Cumpri*

**Resumo:** Este artigo anseia demonstrar que ensino, produção e reconhecimento da língua pressupõem um incessante trabalho com a linguagem. Isto é: uma atividade fundamental de montagem e desmontagem do material linguístico para que os significados sejam reverberados. Tentaremos mostrar, também, que a significação linguística passa pela compreensão de que a linguagem é indeterminada. O texto ainda procura valorizar, por meio de um exercício prático, a atividade de parafraseagem como um estímulo à criatividade e à habilidade com a língua.

**Palavras-chave:** Língua, Linguagem, Ensino.

**Abstract:** This article wants to demonstrate that teaching, production and recognition of language estimate an incessant work with language. That is: a basic activity of assembly and dismount of linguistic material so that meanings are reverberated. We are trying also to show that linguistic meaning goes through the understanding that Language is really indetermined. The text still aims to value activity paraphrase as a stimulatton to creativity and ability with language by using a practical exercise.

**Key words:** Language, Teaching.

### 1 INTRODUÇÃO

Linguistas e cientistas da cognição têm se debruçado com maior entusiasmo sobre a linguagem após a autonomia conquistada pela psicolinguística na segunda metade do século XX. Tal esforço tem resultado em elucubrações que postulam boa parte do aparato dado ao ensino da língua, seja ela materna ou estrangeira. Assim, este trabalho versa sobre apontamentos de alguns estudiosos que trazem reflexões que direta ou indiretamente contribuem à confirmação da defesa fundamental de uma articulação entre língua e linguagem.

O objetivo principal do nosso trabalho é explicitar o que seria essa articulação fundamental entre língua e linguagem no processo de desenvolvimento dos sujeitos. Para isso, o artigo é composto de itens que, de uma forma ou de outra, vão de encontro com uma concepção de educação em que os sujeitos estão no cerne de todo esse processo de formalização de uma teoria acerca da linguagem e, por consequência, do ensino.

Em síntese, as próximas páginas trarão uma investigação que busca a relação entre ensino da língua e o reconhecimento da linguagem. A estrutura

do texto apresenta itens destinados à língua e linguagem e ao ensino, além de uma proposta para a sala de aula e uma conclusão.

## **2 LÍNGUA E LINGUAGEM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Se língua é um sistema que se apresenta na forma de texto<sup>1</sup> e é dependente de quem a fala, logo, a atividade da linguagem também está imbricada nesse contexto, fato que nos leva a ver que língua e linguagem são indissociáveis. E se a linguagem é o que permite a expressão de um pensamento sustentado pelas vivências dos sujeitos enunciadoreis, é o texto (a língua) que oferece a visão referencial, contextual e situacional e que coloca em cena todos os valores extralingüísticos durante o ato enunciativo. Assim, o estudo da língua aproxima-se do que seria um estudo das invariantes no qual o conceito de fala (parole) se confunde, intencionalmente, com o de enunciação. E quando falamos em enunciação, não nos referimos apenas ao ato individual da linguagem (ato das realizações e manifestações da língua), mas ao próprio conceito de comunicação humana provido de regras enunciativas.

Também não podemos deixar de considerar que os mecanismos ou processos que constituem o enunciado (o texto) são ferramentas que fundamentam qualquer teoria acerca da enunciação. Léxico e gramática atuam diretamente na delimitação das unidades comunicativas e não são dados prontos, mas construtos oriundos da atividade da linguagem pertencentes a uma determinada língua. O significado de um enunciado é construído por meio de modulações de sentido, e essas modulações dialogam entre si e com um determinado conteúdo predicativo, o qual fornece a espessura dialógica necessária à construção da representação.

Estudos linguísticos que trazem a relação ensino/aprendizagem em seu cerne têm demonstrado que a linguagem não é um resultado, mas um trabalho tanto linguístico quanto dos sujeitos (que elaboram a realidade por meio de suas percepções). Ela é o que dá forma ao conteúdo de nossas experiências, é um esforço de construção e de retificação do vivido. Na verdade estamos

---

<sup>1</sup> Das inúmeras definições de texto, privilegiamos a de Culioli (1973), a qual estabelece o texto como uma sequência de representações que resultam de um conjunto de operações realizadas por um sujeito enunciadoreis que, numa situação de enunciação (que inclui os interlocutores e um momento), busca constituir um sentido.

considerando a linguagem enquanto uma atividade de (re) construção que se realiza por meio de operações resultantes da produção de enunciados num determinado momento (tempo), num determinado lugar (espaço), por um determinado enunciador (sujeito), o qual (re) constrói significações por meio da (re) interpretação da realidade; ou como diz Rezende (2000, p. 01), “o conceito de linguagem, enquanto atividade de representação (psicológico), referenciação (sociológico) e regulação (psicossociológico) é sinônimo de reflexão, cognição, pensamento e se constitui na porta de entrada para a reflexão interdisciplinar”.

Culioli (1976) diz que a atividade de linguagem caracteriza-se pela capacidade humana de construção de representações mentais baseadas nos universos linguístico e extralinguístico que dão origem às noções (eixos de propriedades físico-culturais) com suas propriedades particulares. A atividade de referenciação é algo como a relação entre elementos do domínio linguístico e elementos do domínio extralinguístico e a atividade de regulação caracteriza-se por aproximações das representações dos sujeitos enunciadorees por meio das referências construídas por cada um.

Geraldi (1991) aponta a reflexividade (a capacidade de remeter a si mesma) como uma das características essenciais da linguagem e, dessa forma, ele destaca três ações que os sujeitos fazem em relação a ela: ações *com* a linguagem (atividade linguística) ações *sobre* a linguagem (atividade epilinguística) e ações *da* linguagem (atividade metalinguística).

Por atividade linguística, entendemos as atividades orais e escritas calcadas na gramática interiorizada dos sujeitos. É uma atividade que está ligada aos nossos atos de escolha durante a enunciação e nos permite trabalhar o extralinguístico para recriá-lo segundo nossa intenção. E é esse trabalho que reflete diretamente na estrutura linguística no final da produção e reconhecimento das significações.

A atividade epilinguística é uma atividade não representada; e ainda que não representada, refere-se a um saber inconsciente que todo falante tem. Trata-se de um diálogo interno e a criação e o reconhecimento das significações estão íntima e indissociavelmente ligados a esse diálogo ou, em

outras palavras, à realização de um trabalho de representação, referenciação e regulação que se confunde com a própria definição de linguagem.

A atividade metalinguística é uma atividade consciente que possui regras controláveis pelo próprio sujeito e, além disso, representa a tentativa de explicitar o sentido de um texto anteriormente produzido. Tradicionalmente, diz-se que é uma atividade do “redizer com outras palavras”, o que também vai de encontro com o que se costuma chamar de “parafrasear”.

Por hora, diríamos que enquanto que a linguagem é essa atividade simbólica existente em todos os seres humanos (portanto, uma instância social em que o sujeito é constitutivo do próprio material simbólico a ser expresso), a língua é a materialização dos fenômenos mentais, ou seja, o próprio agenciamento das operações da linguagem.

### **3 UMA PALAVRA SOBRE O ENSINO**

Das várias preocupações do professor de língua portuguesa, sobretudo acerca do trabalho com a redação, merece destaque a ausência de conteúdo programático e a deficiência e/ou a falta de sistematização dos conhecimentos nas atividades em sala de aula. Os livros didáticos estão mais preocupados com a finalidade, a formação moral, o senso crítico, o ensino da gramática, a criatividade e não chamam a atenção dos alunos para os processos a serem percorridos rumo à construção das significações. O que há na verdade é pouca margem para a reflexão e excesso de aplicação de pré-estruturas que garantem o sucesso da boa escrita.

Analisando os manuais de ensino, encontramos um posicionamento quase que unânime quanto à solução dos problemas listados acima: estabelecer práticas pedagógicas que levem o estudante a redigir um texto que, teoricamente, apresente uma evolução qualitativa quanto à estruturação que inicialmente apresentava. Ou seja, um texto mais coeso e mais coerente e, portanto, um bom texto.

A crítica a ser feita é a de que o texto escolar é regido por um discurso preestabelecido que as instituições de ensino repassam como modelo pronto, para que, assim, se tente cumprir uma tarefa quase que mecânica: a de resolver o problema da redação. Nesse caso, pelo fato dos alunos não dominarem as propaladas técnicas de produção textual e de não possuírem as

informações necessárias (bagagem cultural, por exemplo), pela falta de leitura e de estudo sobre o tema que será focado, o texto constantemente acaba por parecer irreal e descontextualizado.

O que queremos defender é que, aparte deste infundável círculo vicioso que se cria ao redor da produção do texto e conseqüentemente do ensino do mesmo, “bom texto” é tanto aquele ancorado em boa leitura e em domínios básicos de estruturação textual, quanto em percursos enunciativos que traçamos rumo à representação de nossas percepções físico-psicológicas.

Assim, o trabalho (esforço metalingüístico) do aluno no sentido de reconhecer e interpretar seu próprio texto torna-se importante ao habilitá-lo para a produção (fala e escuta, redação e leitura). Mesmo porque, no ensino, o ato da observação deve ser o primeiro caminho para fazer com que o aprendiz de línguas adentre o complexo universo da linguagem, pois, é também através dos observáveis que se chega à teorização e à conscientização daquilo que está sendo abordado. Vejamos o que fiz Onofre (1994, p. 159):

O objetivo é chamar a atenção do aluno sobre as sutilezas linguísticas que cada situação enunciativa exige, levando-o a perceber tanto a identidade semântica quanto a diferença semântica que podem ser estabelecidas a partir de uma cadeia parafrástica.

Portanto, aprender língua (e conseqüentemente todas as habilidades que constituem tal processo) é também mergulhar nela para se chegar à linguagem e procurar as propriedades e os processos generalizáveis. E é o empírico que vai nos levar a isto, ao contexto e à situação, pois:

A atividade de produção e de reconhecimento de enunciados se faz sempre entre os sujeitos colocados nas situações às vezes empíricas e ao mesmo tempo ligadas às representações imaginárias do estatuto de alguns sujeitos para remeter ao outro, para remeter a uma sociedade, para remeter ao texto, para remeter aquilo que se poderia chamar de “um discurso intertextual”, esta espécie de discurso ambiente com os valores que estão ligados às palavras. (Culioli, 2002, p.92, tradução nossa)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> L' activité de production e de reconnaissance d'énoncés se fait toujours entre des sujets pris dans des situations à la fois empiriques et en même temps liées à des représentations imaginaires du status de chacun des sujets par rapport à l' autre, par rapport à une société, par rapport à du texte, par rapport à ce qu'on pourrait appeler «un discours inter-textuel», cette espèce de discours ambiant des valeurs qui sont liées à des mots.

A temática do texto e as questões dedicadas ao conhecimento gramatical não assumem importância tão grande quanto o questionamento que podemos propor sobre ele. Nesse contexto, questões ligadas à capacidade de ler, escrever e refletir sobre a linguagem assumem uma urgência ímpar no tratado do ensino da língua. Em poucas palavras, acreditamos que a reflexão sobre a construção da significação e do sentido prolifera textos melhores do que aqueles que se atêm, prioritariamente, a questões estruturais.

Escrever é organizar experiências de mundo e, dessa forma, o texto não é somente um composto interpretativo, mas um agenciamento de arranjos e marcas lingüísticos que visa constituir sentido e valor. Logo, a criatividade lingüística se torna possível graças a uma representação interior de memórias associativas, de pensamentos e da linguagem simbólica; e a experiência sociopsicológica surge como grande geradora dessa criatividade. Já o trabalho com o texto (montagem, desmontagem, reestruturação, etc), tanto culmina no desenvolvimento da interpretação como na compreensão da funcionalidade dele, pois esse processo ativa a linguagem e traz à tona todo seu caráter infinito.

Com efeito, o ensino da língua focado na reflexão sobre ela mesma (processos constitutivos, percursos enunciativos, atividade parafrástica, etc) estabelece a ponte entre a criatividade e o extralingüístico de um lado e a norma lingüística do outro, sendo que tal ponte estimula a utilização de mecanismos lingüísticos que atribuem maior fluência na produção verbal.

Portanto, ao professor cabe incentivar o aluno a trabalhar com a língua por meio da reconstrução do texto e da reorganização de períodos e enunciados com base em recursos como o apagamento, o deslocamento, a negação, a interrogação e a inserção de outros elementos lingüístico-textuais. Já as questões de gramática, ao nosso ver, devem ser elaboradas a partir do texto, pois o aluno trabalhará com mais motivação porque estará lidando com conceitos lingüísticos sociais. Isso sem contar que é o texto o grande bojo das manifestações tanto de recursos gramaticais e sintáticos quanto estilísticos de uma língua.

Outro investimento interessante em sala de aula é, além de explorar as experiências prévias dos alunos, fazer associações delas com as atividades

textuais. A própria tomada de consciência do que é linguagem - como uma forma de construção de experiências, que antecede a própria expressão de forma e conteúdo em uma língua dada - é muito importante para o ensino por permitir visibilidade do trabalho que cada aprendiz está fazendo para construir a sua experiência singular. E se a experiência de cada aprendiz perpassa pela do professor, esse, por sua vez, utiliza sua experiência como um instrumento para avaliar, o que é o mesmo que estabelecer uma medida entre as distâncias e proximidades das experiências. Assim, avaliar “é medir a experiência construída e não o esforço em construí-la e em lhe oferecer expressão.” (Rezende, 2008, p.103)

#### 4 UM EXEMPLO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

O conservadorismo linguístico tende a enxergar a ambiguidade como um defeito da linguagem ao invés de tomá-la como um rico aparato para os estudos focados na significação. Refutando um pouco a ideia de ambiguidade enquanto um defeito da linguagem, cremos ser possível trabalhá-la positivamente<sup>3</sup> nas aulas de língua.

O objetivo central numa proposta como essa é fazer o aluno acessar a linguagem por meio da atividade epilinguística (trabalho que consiste na própria representação da linguagem), a qual, por ser dinâmica, traz à tona a conscientização de que a língua é plenamente variável. Assim, é esse tipo de atividade uma ferramenta imprescindível para habilitar o aluno a fazer avaliações ora positivas, ora negativas permitindo-lhe o julgamento e a sobreposição do que está lhe sendo colocado.

Dessa forma, trazemos uma atividade que fizemos em sala de aula com alunos do ensino médio que emitiu alguns resultados pertinentes. A partir do enunciado “*Jamais bata numa pessoa com óculos - use as mãos*”, pudemos trabalhar a ambiguidade mostrando que cada situação enunciativa presume um cenário sociopsicológico que permite a organização da enunciação e, com isso, que nenhum enunciado é construído isoladamente.

---

<sup>3</sup> O termo “positivamente” confronta, um pouco, alguns trabalhos versados sobre a ambiguidade que apontam a necessidade de evitá-la. Assim, tais trabalhos defendem uma escrita preocupada com a clareza, a qual é o resultado de um bom escritor. A fala de Lyons (1981) contribui com essa ideologia, pois para o linguista *ambíguo* é um sinal que codifica mais de uma mensagem e tal ambiguidade pode provir de uma “imperfeição” do falante ou de uma “deficiência” do sistema da língua.

No nosso intento de provar a indispensabilidade do contexto nas atividades de língua propomos o apagamento do complemento “*use as mãos*” e solicitamos novos complementos aos alunos. Para exemplificar os resultados obtidos, trazemos quatro interessantes paráfrases geradas por esses alunos que são prova cabal de que é possível ensinar língua por meio de uma atividade que parte do empírico (o qual prioriza a atividade epilinguística) em direção ao formal (o qual prioriza a atividade metalinguística). Seguem as paráfrases:

*Jamais bata numa pessoa com óculos – ela pode reagir e quebrar teus óculos.*

*Jamais bata numa pessoa com óculos – use um cinto.*

*Jamais bata numa pessoa com óculos – pessoas que usam óculos são frágeis.*

*Jamais bata numa pessoa com óculos – peça que tire primeiro.*

Com esses quatro enunciados podemos inferir que, no ensino, os caminhos que fazemos para chegarmos à interpretação ou à conscientização de como a atividade linguística se dá por meio dos arranjos léxico-gramaticais são de grande importância, pois são esses mesmos caminhos alguns dos mecanismos que utilizamos (durante a enunciação e, por consequência, durante a passagem entre um enunciado e outro) para acessarmos a linguagem.

Se a ambiguidade é uma perturbação linguística, um rompimento da harmonia e do equilíbrio comunicativo e está mais ligada a uma questão cultural (o extralinguístico), deve o professor assumir um posicionamento fronteiro entre o formal e o empírico e tal posicionamento será bem respaldado se se optar pelo trabalho de parafraseamento no processo de desambiguação.

O que queremos registrar com essa simples proposta é que a produção linguística é alcançada pelos sujeitos desde que eles partam de um trabalho de montagem e desmontagem de seus textos, marcas e valores, que em seguida, têm seus significados construídos e reconstruídos por meio das atividades linguísticas.

A análise linguística de um enunciado deve subentender exercícios de modulação e abstração com o objetivo de (re)construir sentidos. Por isso, quando buscamos co-localizar os traços do sujeito enunciativo, numa situação de enunciação, as operações (enunciativas e predicativas) não devem ser negligenciadas, mesmo porque toda a construção metalinguística é indissociável da enunciação, em outros termos, do momento da interlocução.

Se ainda ficar a pergunta do porquê de cremos na eficiência de exercícios de língua que apostem radicalmente em atividades de abstração, havemos de encontrar os argumentos necessários à medida em que assumimos a defesa do postulado de Whorf<sup>4</sup>, um dos pioneiros a se debruçarem sobre o papel da linguagem na cognição, pois essas quatro paráfrases demonstram que os processos linguísticos, de fato, originam-se de operações cognitivas e que tais operações são elaborações secundárias que desenvolvem os dados, os quais já são perceptualmente estruturados e geradores de uma base comum para a atividade de referenciação.

Assim, ao propormos esse tipo de exercício, estaremos fomentando construções de significados reverberados a partir da abstração, não uma abstração leviana, mas uma abstração seletiva, de experiências de modelos por o material linguístico-expressivo ser uma realidade estruturada construída a partir de modelos psicofisiológicos igualmente pertencentes ao ser humano; mesmo que as línguas conceitualizem estes dados experienciais de forma diferente uma das outras em suas diferentes culturas.

Assim, enquanto professores de língua portuguesa, cabe-nos estimular o trabalho com a linguagem que é a própria atividade de equilíbrio dos sujeitos. A construção do sentido de um enunciado permitirá cada vez mais o acesso à linguagem e, por consequência, à habilidade de desambiguação, a qual bem ilustra a plasticidade de valores que emergem a partir da nossa experiência de mundo- o empírico que dá suporte ao formal, a subjetividade que ancora a objetividade e, talvez, o mais importante: operações que movimentam categorizações.

Geralmente, os estudiosos de língua e linguagem escapam do problema da ambiguidade e assumem um contexto prototípico e não enxergam na

---

<sup>4</sup> As ideias de Whorf contidas nesse artigo foram retiradas de Fuchs (1999d).

alteridade como o obstáculo da significação. O fundamental, no aprendizado da língua, é estimular os alunos a pensar sobre o pensar. Isso significa propor-lhes exercícios que envolvam tal reflexão, como um trabalho com a gramática que priorize os percursos que tomamos para constituir o sentido a partir da organização e do arranjo dos elementos da língua. Assim, tal postura leva o aluno a compreender que a língua é particular e experiencial, o que, muitas vezes, resulta num enriquecimento de sua bagagem cultural.

Ainda é válido dizer que nós, professores, devemos tomar ciência de duas premissas essenciais para toda e qualquer discussão acerca do ensino da língua:

A primeira é a de que a produção e recepção da língua não é uma via de mão dupla, pois, a língua ora é o meio de busca de uma regulação interior, ora, um meio de referenciação daquilo que pensamos; e esse processo, impreterivelmente, resulta numa representação da linguagem.

A segunda é a de que a significação e os valores linguísticos perpassam, mesmo que discretamente, pelas operações de montagem e desmontagem dos arranjos léxico-gramaticais e que essas mesmas operações são de igual (se não maior) importância que a significação e os valores em si.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na vigente Proposta Curricular do ensino de Língua Portuguesa, há diversas considerações a respeito do texto, haja vista que essa proposta deixa claro que ele é o eixo condutor do ensino atual no Brasil. Assim, ao aluno será proporcionada a capacidade de ler o mundo de forma crítica, para compreendê-lo e defender suas ideias. Em poucas palavras, o que a proposta defende - independentemente das críticas que podem lhe ser atribuídas - é o desenvolvimento do ser humano a partir da linguagem.

Fica até uma reflexão bonita: “A humanidade criou a palavra, que é constitutiva do humano, seu traço distintivo. O ser humano constitui-se assim um ser de linguagem e disso decorre todo o restante, tudo o que transformou a humanidade naquilo que é...” (SEE/SP, 2008, p. 16). E ainda:

A construção do conhecimento humano e o desenvolvimento das artes, da ciência, da filosofia e da religião foram possíveis graças à

linguagem, que permeia a construção de todas as atividades do homem. Não apenas a representação do mundo, da realidade física e social, mas também a formação da consciência individual e a regulação dos pensamentos e da ação – próprios ou alheios – ocorrem na e pela linguagem. (SEE/SP, 2008, p.39).

Se fizéssemos um traçado dos maiores estudos acerca da linguagem, diríamos que de Descarte no século XVII a Chomsky no século XXI, a linguagem é o eixo condutor da espécie humana. Diríamos, também, que a alma humana coincide com as próprias capacidades cognitivas. Falar-se-ia ainda de uma estrutura biológica humana capaz de formular as representações mentais do homem.

Já numa curta ponte com o ensino da língua, afirmaríamos que o conhecimento não deve estar distante de um processo de construção conduzido pelo próprio sujeito. Para o professor Franchi (2006), falar em etapa de ensino era falar de um estado provisório, mesmo porque somos sujeitos imaturos e inacabados, mas ainda dotados de uma virtualidade criadora, uma capacidade de reconstruir e atribuir novos valores.

Parece inegável que o aprendizado passa por um complexo conjunto de operações mentais. O que nos parece mais complexo ainda é falar num aprendizado de um sistema linguístico (seja ele a língua materna) que já vem sendo adquirido pelos sujeitos num processo que antecede a alfabetização. Nesse contexto, ficam as instituições de educação responsáveis por prover a aquisição formal (a julgar, desenvolvimento da produção e da compreensão) dos domínios orais e escritos desse mesmo sistema.

Por fim, se após tudo o que expomos nessas páginas não ficou evidente que o conhecimento da própria língua é o resultado de um trabalho incessante com a linguagem e que a separação entre língua e linguagem seria algo como dissociar duas dimensões de um mesmo objeto, ficou ao menos evidente que Charles Darwin tinha razão quando definiu a linguagem como uma tendência instintiva para adquirir uma arte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CULIOLI, A. *Sur quelques contradictions en linguistique*. Communications, n. 20, 1973.  
\_\_\_\_\_. *Transcription du séminaire de D.E.A. - 1975-1976*. Paris: Université de Paris VII. D.R.L., 1976.  
\_\_\_\_\_. *Variations sur la linguistique*. Paris: Klincksieck, 2002.

- FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo gramática?* São Paulo: Parábola, 2006.
- FUCHS, C.; ROBERT, S. (Ed.) *Language diversity and cognitive representations*. Amsterdam: John Benjamins, 1999d.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. [S.l.]: Martins Fontes, 1991.
- LYONS, John. *Língua(gem) e linguística - uma introdução*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1981.
- Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / coord. Maria Inês Fini*. – São Paulo: SEE, 2008.
- ONOFRE, M. B. *A indeterminação na linguagem: inconsciência e manipulação*. Araraquara. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 1994.
- REZENDE, L. M.. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. 2000. Tese (livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Epilinguistic activity and Portuguese language teaching*. Revista do Gel, São Paulo, v.5, n.1, 2008.